

HELENO, MEMÓRIA DE UM MITO

NEVES, MARCOS EDUARDO. NUNCA HOUVE UM HOMEM COMO HELENO. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR, 2012.

Gustavo Cerqueira Guimarães*
Universidade Federal de Minas Gerais / CNPq

O interesse em torno de biografias de ídolos do esporte é crescente nas duas últimas décadas no Brasil, tendo em vista os inúmeros lançamentos do gênero, em belas edições pelo país. Ao se realizar uma breve lembrança, constata-se que, no século 20, alguns intelectuais e artistas se ocuparam dos esportes, pois estes sempre fizeram parte da dimensão da vida cotidiana e não poderiam mesmo ficar de fora do pensamento e das artes.

Dentre as seis biografias escritas pelo jovem jornalista Marcos Eduardo Neves, duas são sobre jogadores de futebol: Heleno de Freitas, ídolo do Botafogo nos anos 1940, e Renato Portaluppi, ídolo do Grêmio e do Flamengo nos anos 1980.

A biografia *Anjo ou demônio: a polêmica trajetória de Renato Gaúcho* (2002, 427 p.) é bastante meticulosa, dividida em 32 capítulos que narram o percurso do jogador oriundo de uma família pobre do interior do Rio Grande do Sul, composta por 13 filhos, bem como apresentam, paralelamente, a história de toda uma geração de jogadores da década de 1980, sobretudo a mítica “Seleção de 82”, comandada pelo técnico Telê Santana, personagem muito presente na biografia.

O início da carreira de Renato Gaúcho se deu no Clube Esportivo de Bento Gonçalves – o que teria sido um percurso comum se não fosse o seu extraordinário talento, que fez dele um homem de exceção, a maior estrela do Grêmio nas finais da Copa Libertadores de 1983 e 1984. Foi ainda campeão do Mundial Interclubes, no primeiro ano em que o disputou diante do clube alemão Hamburgo (HSV – Hamburger Sportsverein), marcando os dois gols da vitória por 2 a 1, na prorrogação, em Tóquio.

No entanto, seu valor é contestado por alguns devido ao seu temperamento explosivo, pautado em vários episódios de inobediência, sobretudo o ocorrido em Belo Horizonte durante a preparação da equipe brasileira para a Copa do Mundo no México em 1986 – que culminou no seu corte pelo técnico da seleção canarinho. Contudo, a carreira de Renato – que hoje é treinador de futebol – em sua atuação como jogador, foi espantosamente regular dentro dos gramados. Ele conquistou títulos por quase todas as equipes pelas quais passou e recebeu prêmios individuais significativos. Renato figurou por cinco vezes na Seleção do Campeonato Brasileiro¹ da mais importante revista

* gustavocguimaraes@hotmail.com. Doutorando vinculado ao Pós-Lit - Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG.

¹ Seleção formada por jogadores das diversas equipes do Campeonato Brasileiro eleitos como os que melhor atuaram em suas respectivas posições na temporada.

especializada no assunto, a *Placar*, nos anos 1984 (quando jogava pelo Grêmio), 1987 e 1990 (Flamengo), 1992 (Botafogo) e 1995 (Fluminense). Essa condição o coloca em terceiro lugar como o maior vencedor dessa eleição.

O biógrafo de Renato Gaúcho sequenciou com maestria o curso de outro craque dos anos 1940, cujo período remonta à era pré-Maracanã. O livro *Nunca houve um homem como Heleno* foi lançado primeiramente pela Ediouro, em 2006, no contexto da Copa da Alemanha, sem despertar maior atenção – em ano de Copa, costumam-se lançar vários livros temáticos. Essa biografia foi a base para o roteiro do filme *Heleno: o príncipe maldito* (2012), estrelado pelo ator Rodrigo Santoro.² Ancorada na ampla divulgação decorrente da estreia do filme nos cinemas em 2012 – o que também fez com que os holofotes fossem novamente mirados para o jogador –, a biografia escrita de Heleno foi atualizada e reeditada, trazendo o sumário de seus jogos e gols, um índice onomástico, uma boa bibliografia e poucas, mas significativas notas. O livro apresenta ainda 49 fotografias dispostas nas páginas iniciais e finais do livro.

A fotografia da capa, diferente da primeira edição, é de Carlos Moskovics, figurando o jogador com uma bola de futebol na mão em primeiro plano. Essa imagem é a mesma estampada na capa de outra biografia sobre Heleno publicada em 1970, *O homem que sonhou com a Copa do Mundo*, de Carlos Rangel. Tal título remete ao fato de o quarto maior artilheiro da história do Botafogo não ter disputado copas, pois, concomitantemente ao seu esplendor, ocorria a Segunda Guerra Mundial, não tendo havido, portanto, as copas do mundo de 1942 e 1946.³

O livro é composto por 27 capítulos, alguns com títulos em alusão ao cinema, já fornecendo uma chave de leitura. Eles são arrançados cronologicamente de 1920 – ano do nascimento de Heleno, no dia 12 de fevereiro em São João de Nepomuceno, Minas Gerais – a 1959, quando em um sanatório em Barbacena, “após quatro anos, dez meses e 25 dias de tratamento, os médicos constataram o [seu] óbito, aos 39 anos, por paralisia geral progressiva”,⁴ devido às complicações advindas da sífilis diagnosticada tardiamente. O enterro foi na terra natal, em uma tarde ensolarada do mesmo dia, 8 de novembro. A construção final da narrativa se estabelece, em grande parte, por correspondências alinhavadas entre Heraldo, um dos três irmãos do enfermo – havia ainda duas irmãs –, e dois médicos da clínica, um deles amigo de infância de Heleno. As cartas são muito comoventes e são reforçadas pelo pacto tácito, estabelecido entre o leitor e o biógrafo, de que há ali um acontecimento histórico, a verdade de uma Vida.

² Filme dirigido por José Henrique Fonseca, que também assina o roteiro, ao lado de Felipe Bragança, formado pela Faculdade de Cinema da UFF e do experiente argentino Fernando Castets. Henrique Fonseca dirigiu ainda *O homem do ano* (2003), com roteiro do escritor Rubem Fonseca, seu pai, a partir do livro *O matador* (1995), de Patrícia Melo. Vale salientar que esse romance se desdobra a partir de uma aposta de futebol perdida pelo protagonista, interpretado por Murilo Benício, que se torna, a partir desse pequeno incidente, um assassino violento.

³ Alguns críticos esportivos, inclusive, esperavam que Heleno fosse convocado por Flávio Costa, treinador do Vasco da Gama e da Seleção Brasileira, para integrar o escrete de 1950, o que não aconteceu. Heleno teve uma desavença com o Flávio Costa quando de sua breve passagem pelo Vasco. Na época da copa de 1950, Heleno estava no final da carreira e jogava no Atlético Junior de Barranquilla, na Colômbia, depois de ter passado pelo Boca Juniors da Argentina em 1948.

⁴ NEVES. *Nunca houve um homem como Heleno*, p. 266.

Com exceção a essa cronologia, o primeiro capítulo, intitulado “Gilda! 1947”, é estrategicamente colocado na abertura para já inserir o leitor na atmosfera conturbada na qual vivia o atacante. Quando o Botafogo jogava fora de casa, os zagueiros adversários falavam entre eles:

– Lá vem o “viadinho” de Copacabana.

Tudo porque deixava o vestiário com as pernas brilhando da massagem de aquecimento, encharcadas de óleo. E um penteado à base de gomalina que, aliado à *beleza física*, dava-lhe um ar de *Rodolfo Valentino de chuteiras*. Era uma *vedete*.

Ao dar o pontapé inicial, rolando para Otávio, Heleno escutou um grito diferente:

– “Gilda!” (...).

– “Gilda! Gilda! Gilda!” – os torcedores do time da casa já começavam a incomodar. Heleno não podia pegar na bola que escutava a saudação. Começava a ser travada uma espécie de guerra psicológica, que, embora tentasse disfarçar, *o desestabilizava emocionalmente*. (...).

– “Gilda! Gilda! Gilda!” – a massa se divertia, aliviava o espírito.

Sujo, no empurra-empurra da área, nos escanteios, segurava os colhões de adversários, artimanha que aprendera com os argentinos. (...).

– “Escandalosa!” – berrava um ou outro. (...).

O *ídolo* reagiria de forma agressiva. Agressiva e pornográfica. Sabendo que a alta burguesia das Laranjeiras concentrava nas cadeiras várias senhoras de família, Heleno fez que ia mostrar a genitália para as sociais.

– Uh! *Cafajeste!* – respondiam. E tacavam veneno, em perfeita sincronia: – Gilda! Gilda! Gilda!⁵

Gilda era a personagem interpretada por Rita Hayworth no filme homônimo que estreava nas telas de cinema do Rio de Janeiro.⁶ “Linda, glamourosa e temperamental” são alguns de seus traços. “Nunca houve uma mulher como Gilda” era o *slogan* nas ruas da cidade do, hoje, clássico *noir*.

Heleno, como Gilda, era belo. Foi também desestabilizado e pornográfico, além de outras nuances de sua *persona*. O sujeito que se desvela pela narrativa do biógrafo oferece a riqueza do paradoxo de grandes figuras da literatura. Heleno se casou e teve um único filho, com quem não conviveu por ter se separado em pouco tempo de matrimônio. Teve uma vida trágica. Nunca houve mesmo um homem como Heleno. Veja-se o que Nelson Rodrigues escreveu, aliando-se ao coro de grandes escritores que se encantaram com as jogadas do atleta na época, como José Lins do Rego, o uruguaio Eduardo Galeano e o colombiano Gabriel García Márquez:

Eu próprio reconheço que Heleno de Freitas não é bem um jogador, mas um personagem do futebol. Personagem tão rico que não se esgota em duas ou três crônicas, mas em oitocentas. Aliás, pensando melhor, diria que nem oitocentas crônicas o esvaziariam de sua riqueza folclórica.⁷

Um homem que ao mesmo tempo é Gilda e Rodolfo Valentino; cafajeste e ídolo; sedutor e agressivo; louco e gênio; advogado e jogador – um *homem-oxímoro*. Heleno foi também

⁵ NEVES. *Nunca houve um homem como Heleno*, p. 9, grifos meus.

⁶ *Gilda* foi dirigido por Charles Vidor com roteiro de Marion Parsonnet e Jo Eisinger, baseado em história de E. A. Ellington.

⁷ RODRIGUES citado por NEVES. *Nunca houve um homem como Heleno*, p. 186.

milionário quando o futebol estava no início da profissionalização, afora ser cultíssimo e frequentador da alta sociedade no período áureo de internacionalização do Rio de Janeiro, ainda capital federal. Do tempo em que as transmissões dos jogos eram somente através do rádio, pois não havia televisão. Heleno foi extremamente fotografado.

A transposição do homem para o livro e para o cinema em preto e branco é, pois, uma grande contribuição estética na tentativa de remontar esse personagem brasileiro em seu tempo e espaço. A recepção do ídolo toma uma dimensão ainda mais pungente. Nesse sentido, qualquer tentativa aqui ou acolá de condensar os movimentos de Heleno resumidamente o enfraqueceria.

As estratégias de Marcos Neves, ao longo do livro, de entrecortar lampejos do panorama histórico, cultural e social do momento, ainda que não aprofundadamente, permitem a audição de outras vozes da narrativa, a qual também se estrutura por meio do cruzamento de gêneros textuais – cartas, notícias de jornais e relatos dos craques em revistas e livros –, como o registro de em uma crônica do eminente jornalista Armando Nogueira:

Heleno de Freitas, o craque das mais belas expressões corporais que conheci nos estádios, morreu, sem gestos, de paralisia progressiva, e descansa, hoje, no cemitério de São João de Nepomuceno, onde nasceu um dia para jogar a própria vida num *match* sem intervalo entre a glória e a desgraça.⁸

Se, por um lado, os objetos artísticos – o livro e o filme – têm o intento de fixar contornos à identidade de Heleno, ainda que fugidia, por outro, e ao mesmo tempo, sustentam uma base para o imaginário do leitor se expandir ainda mais. Constatar a tragicidade da vida de Heleno de Freitas, hoje, por meio das imagens e através da ambiguidade dos relatos acerca da sua “dupla personalidade”, dos relatos obscuros da sua doença que culminou na loucura, é algo que incita a produzir mais narrativas, outras narrativas.

Esses craques controversos – Renato, “anjo ou demônio”, e Heleno, “príncipe maldito” – sempre estiveram em pauta na mídia de sua época, cujas notícias tangenciavam continuamente seus traços explosivos e seus atos de indisciplina. Heleno, por exemplo, “era o grande nome da cidade. Se seu temperamento inconstante o tornava cada vez mais popular, deliciava-se enfurecendo multidões. Vibrante, apaixonado, explosivo, era a maior estrela dos estádios.”⁹ A imprensa noticiava casos fantasiosos de suas vidas privadas, envolvendo-os em polêmicas que ao mesmo tempo agenciavam motivação para que milhares de pessoas presenciassem o espetáculo esportivo nos estádios. Os coparticipantes desse jogo se tornam, igualmente, agentes da produção discursiva desse imenso campo semântico envolvendo o futebol – patrimônio da cultura popular brasileira.

Na concepção de Roland Barthes haveria algo de *mítico* em todo esse *jogo* envolvendo os grandes ídolos de nossa cultura no século 20, na medida em que ele trata o discurso do *mito* como um *fragmento* da Semiologia, conforme expresso no livro *Mitologias* – que foi publicado em 1957, contemporâneo do Heleno que já se arruinava, diga-se de passagem. Assim, a fala histórica do *mito* seria sempre uma mensagem passível de

⁸ NOGUEIRA citado por NEVES. *Nunca houve um homem como Heleno*, p. 292.

⁹ NEVES. *Nunca houve um homem como Heleno*, p. 79.

construção, reconstrução e atualização. O mito é *dinâmico* e pode até desaparecer. A fala do mito pode ser formada por escritas ou por representações: *o discurso escrito, a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte*, “tudo isto pode servir de *suporte à fala mítica* (...), qualquer matéria pode ser dotada de significação”.¹⁰ Em tempos como esse, numa era descartável, na qual o *plástico* também é

(...) a própria ideia da sua transformação infinita, é a ubiquidade tornada visível, como o seu próprio nome vulgar o indica; e, por isso mesmo, é considerado uma *matéria milagrosa*: o milagre é sempre uma conversão brusca da natureza. O plástico fica inteiramente impregnado desse espanto: é menos um objeto do que o vestígio de um movimento.¹¹

Essa dimensão do mito, “o *milagre do plástico*”, corresponde à experiência de *epifania do espectador* nos estádios de futebol, como aponta uma das quatro reflexões traçadas por Hans Gumbrecht (2007) no artigo “*Perdido numa intensidade focada: esportes e estratégias de reencantamento.*” Nesse mesmo sentido de Barthes, quanto ao enlaçar do esporte com o mito, mas exercendo a linha helênica de evocação, Gumbrecht acrescenta que o esporte, por meio da comunhão das pessoas nos estádios, traz alguns elementos seculares de convivência no espaço público, provocando uma *epifania* no espectador. Quando se pratica ou se assiste à prática esportiva, retomam-se algumas características de um mundo anteriormente “encantado”. Embasado pelos conhecimentos acerca dos jogos em Olímpia na Grécia Antiga, nos estudos e na experimentação das práticas esportivas contemporâneas, o teórico propõe-nos a pensar sobre quatro *estratégias de reencantamento*, que são muito pertinentes para a articulação com o universo aqui tratado. São elas,

a *performance do atleta* que possibilita a ocorrência de (algo equivalente a) milagres, (...) em segundo lugar, tentar identificar componentes do reencantamento, principalmente *efeitos de “epifania” vivenciados pelo espectador*. A terceira parte (...) [trata] do *estádio como lugar “sagrado”*, e, para concluir (...) um tipo específico de *gratidão que vincula muitos espectadores à presença e à memória de seus atletas favoritos*.¹²

Por ora, e por fim, perscruta-se apenas a primeira estratégia enunciada, a *epifania do espectador*, gerada pela interação entre os craques de futebol como Heleno de Freitas e Renato Portaluppi e o espectador que está “voltado para a emergência de belas jogadas”. A direção também é estética e esse espectador se torna imprescindível. Assim, por meio de suas atuações nos gramados dos estádios de futebol, o esportista objetiva a sua mais bela jogada e “a bela jogada é epifânica porque ela é uma forma temporalizada, uma forma que começa a desaparecer no exato momento em que aparece. Para cada um dos espectadores, uma bela jogada produzida pelo seu time traz um instante de felicidade.”¹³



¹⁰ BARTHES. *Mitologias*, p. 132, grifos nossos.

¹¹ BARTHES. *Mitologias*, p. 111-2, grifos nossos.

¹² GUMBRECHT. “Perdido numa intensidade focada”: esportes e estratégias de reencantamento, p. 12-3, grifos meus.

¹³ GUMBRECHT. “Perdido numa intensidade focada”: esportes e estratégias de reencantamento, p. 15.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: Bertrand Brasil / Difel, 1987.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Perdido numa intensidade focada”: esportes e estratégias de reencantamento, trad. Georg Otte. *Aletria - Revista de Estudos de Literatura: Poéticas do Espaço*, Belo Horizonte, v. 15, p. 11-19, jan./jun. 2007.

NEVES, Marcos Eduardo. *Anjo ou demônio: a polêmica trajetória de Renato Gaúcho*. Rio de Janeiro: Gryphus Editora, 2002.

NEVES, Marcos Eduardo. *Nunca houve um homem como Heleno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FILMOGRAFIA

HELENO: o príncipe maldito. Direção: José Henrique Fonseca. Brasil, Downtown Filmes, 2011(116 min.), Brasil, p&b.